

MEMORIAS

DA

ASSOCIAÇÃO

GULTO A' SCIENCIA.

N.º 12.

S. PAULO.—JULHO.

1861.

CHRONICA DA ACADEMIA

Refere a lenda o facto dos sete dormentes, que depois de um somno de tresentos annos, virão-se no meio de um povo, cuja linguagem não conheciam, nem comprehendiam. O chronista da Academia acorda tambem de seu lethargo; procura articular algumas palavras, e não o póde, porque esquecera a linguagem de que dispunha. Como Jano, tem elle duas faces: ora apresenta uma fronte altiva, entõa maviosos cantos de poeta, e arrebatada o leitor na doce harmonia de suas strophes; ora merencorio e triste deixa extinguir-se a voz, que assomava-lhe aos labios; negras nuvens lhe escurecem a vista; e desanimado, cabellos ao vento, senta-se em meio de sua jornada.... Ao ver-lhe a pallidez das faces, o cerrar dos dentes, e o dorido arfar do peito, não o conhecereis por certo.

Caminha! brada-lhe porém a voz do eterno, e o peregrino arrima-se de novo ao seu bordão, procurando, alem, um termo que elle não conhece.

Não vos admireis pois que o chronista venha hoje fallar-vos. E' o Anteo da fabula: cahe um momento por terra, para levantar-se mais forte ainda. Não procureis, outro Hercules, suffocal-o entre os braços, porque novos athletas virão succedel-o.

Silencio! Srs., dai lugar ao chronista, que prosegue o seu caminho.

Entrarão e forão approvados em concurso, para lentes, os Srs. Drs. Ferreira

França, e Padre Mamede. As discussões, que por então houverão, animadas e luminosas, encherão de contentamento á todos. Era para ver—a illustração e sciencia, com que luctavão os dous adversarios para attingir o premio do merito.

Em presença do enthusiasmo litterario, que hoje se manifesta entre a mocidade de S. Paulo, parece-nos renascer o tempo de Alvares de Azevedo, Simplicio de Salles, Felix da Cunha e outros, que são as nossas glorias do passado, e modelos para o futuro. Por toda parte o estudo, por toda parte a vida. Mas um facto notamos bem saliente, é que todos repellem essa litteratura grosseira e mesquinha, que lisongea os sentidos, a materia, e estraga o espirito; todos reconhecem com Rousseau, que *les livres d'amour enervent l'ame, la jettent dans la mollesse et lui otent tout ressort*. A mocidade hodierna aspira á uma litteratura mais sã e pura, que orne o espirito e ennobreça o coração. Temos prazer em dizer que não são hoje raras as produções de academicos, poeticas e dramaticas, em que a razão se esclarece, fortifica-se a alma, e a imaginação se expande.

O *Culto á Sciencia* recebeu com jubilo o drama—Angelo ou o Leproso do bosque de Bologne, que offereceu-lhe o socio effectivo o Sr. Floriano de Miranda.

Consta-nos que varios dramas teem sido apresentados no Instituto Dramatico. Aguardamo-nos para noticial-os ao publico, quando vierem á nossas mãos.

Surgio a luz um novo contendor das letras—o *Forum Litterario*, redegido pelos academicos Macedo Soares, Pamplona, e Americo Lobo. E' um irmão, que lobrigou-nos por entre a poeira do deserto, e vem offegante unir-se á caravana; prantêa as glorias que sumirão-se no passado, e sorri para ás esperanças, que lhe despontão no futuro. O peregrino ancião, que sentava-se já enfraquecido e desanimado em meio da viagem, ouve o brado do mancebo—avante! e levantando-se aperta-lhe a mão e repete:—

EM NOME DA ARTE, SALVE!

Passemos ao que diz respeito propriamente ao Culto.

—Deliberou-se em sessão que se manifestasse pelo jornal a dor pungente de que se acha possuido o Culto pelo passamento dos dignos socios honorarios os Srs. Casimiro de Abreu, e Dr. Ferrão. Tarde talvez vamos derramar uma sentida lagrima sobre os tumulos do poeta eximio, e do sincero amigo da mocidade; mas não importa, cedo ou tarde cumprimos o nosso dever.

Eleições.—Os Srs. Gonçalves Bastos Tostes, e Cerqueira de Miranda, deixarão vagos os cargos de Vice-Presidente, Supplente á Orador, e Thesoureiro: o primeiro e ultimo pedirão suas demissões; o segundo perdeu o direito. Forão eleitos para substituil-os os Srs. Pestana, Antão, e Moller. O Sr. Loyola foi eleito para supplente á Secretario; hoje occupa esse lugar o Sr. Freitas Guimarães.

O Sr. Barros Junior demittio-se do cargo que occupava na Commissão de Redacção. Foi substituil-o o Sr. Pereira dos Santos. Posteriormente procedeu-se á eleições pelas vagas que deixarão os Srs. Americo Lobo, Silva Pontes, e Pereira dos Santos: forão eleitos os Srs. Americo Lobo, (reeleito) Gonçalves Bastos, e Alvares de Azevedo.

O maior enthusiasmo tem presidido ás nossas discussões.

Continuou em terceira discussão o parecer do Sr. Campos Salles—Haverá um direito de necessidade?—Fallarão os Srs. Rodrigues Torres, Flores, Gonçalves Bastos, Moller, Vasconcellos, e C. Salles.

Em seguida discutio-se o parecer do

Sr. Vieira Machado.—Orarão os Srs. Almeida Reis, Pestana, Moller, Britto, C. Salles e Quirino dos Santos. O parecer versava sobre esta these:—A divisão e harmonia dos poderes politicos será, como se vê no art. 9 da Constituição, o principio conservador dos direitos dos cidadãos e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias que offerece a Constituição?

—Forão discutidos successivamente os seguintes pareceres:—O individuo que aconselha um crime, depois de effectuado, será criminoso? Si o é, qual o grão de culpabilidade? Deve ser autor ou auxiliar? —do Sr. Campos Salles.—Qual o fim que tiverão em mira os revolucionarios de 1842. Exorbitar as raias da constituição?—do Sr. Almeida Reis.—Ha um direito de resistencia? do Sr. João Carlos.

Tiverão a palavra sobre o primeiro os Srs. Almeida Reis, Campos Salles, João Carlos, Pestana, Alvares de Azevedo, Britto Junior, e Santos Silva. Discutirão o segundo os Srs. Antão, Reis, João Carlos, Pestana, e Quirino dos Santos. Sobre o terceiro orarão os Srs. Campos Salles, Britto Junior, João Carlos, Antonio Carlos, Tostes, Pestana, e Gonçalves Bastos.

O que levamos dicto demonstra significativamente o sancto amor da sciencia, que anima os socios do Culto. Não ha, é verdade, esse enthusiasmo d'outr'ora, febril e desvairadô; mas uma dedicação sincera e reflectida, traduzindo-se em resultados beneficos.

E' uma juventude briosa, que não dorme indifferente á voz do progresso; comprehende sua missão: crê e espera no porvir.

Sim! os socios do Culto ousão crêr em um futuro melhor para sua patria; esperando, bradão com Eugenio de Pelletan:—«Colloquemo-nos a frente da verdade, antes que a verdade passe sobre o nosso corpo e continue sem nós o seu caminho!»

J. C.



**Sobre as sepulturas do Dr. José
Tell Ferrão, e Casimiro
de Abreu**

O Culto á Sciencia perdeu para sempre dois dos seus socios. A morte, esse escolho inevitavel no mar da existencia, de encontro ao qual se desfazem as mais altas aspirações, da mesma sorte que se tornão em escuma os mais arroçados vagalhões d'encontro a um rochedo, roubou-nos um ente que era bem charo a toda a mocidade academica.

Uma lagrima sobre a lousa do Dr. José Tell Ferrão.

Uma lagrima vale bem um mausoleo porque ella symbolisa a dor e a gratidão!

E que mais outra couza lhe pôdemos offerecer?

E que mais outra couza se pôdia dezejar?

Esses altos monumentos de orgulho levantados á memoria dos homens não se desmoronão frageis como tudo que é feitura do homem?

Uma lagrima é um gemido, um suspiro que se esvae na amplidão dos céos junto aos pés do Eterno; uma lagrima é uma supplica que Deos acolhe em seu seio, uma supplica em favor d'aquelle por quem choramos.

Ainda era moço! sonhava ainda com o futuro; talvez com a gloria!

Oxalá tenha elle alcançado aquella que não morre, que dura sempre porque é de sua essencia a—eternidade!

O Dr. Ferrão era um dos homens mais amigos da mocidade.

Quantos serviços não prestou elle aos nossos primeiros insaios e exforços?

Não se poupava a fadigas; pela cauza das lettras era capaz de sacrificar-se.

Amava a Patria e dezejava a felicidade commum.

O Culto a Sciencia tambem triste e enlutado vem depor sobre a lagem que cobre os restos mortaes de seu socio, o

cantor das *Primaveras*, uma roza branca que symbolise a sua saudade. Tarde... que importa? será mais um louro para o poeta a ideia de que alem de sua morte viva bella e chorosa a lembrança de sua passagem na terra,—a *lembrança*, essa phenix pallida das sepulturas privilegiadas. Dir-se-hia que a lyra do bardo ainda murmura docemente no recinto do descanso eterno as melodias agora frouxas de suas estrophes, e que nós, os vivos de um dia, attrahidos pelas harmonias do passado, choramos o nada do presente.

Elle passou! Ave desgarrada dos jardins etereos adejou um instante sobre o lago azul da mocidade, pura e candida como o sopro de um anjo. As agoas lhe espelharão a linda imagem, como os echos repetirão os accordes de seus hymnos. Depois veio-lhe a nostalgia do céo, e a misera, soltando o cantico de seus derradeiros adeoses ao sol brilhante dos tropicos, cahiu sem vida no campo funerario dos finados.

Elle passou! aos primeiros assomos de um futuro emmurchecido na cal dos sepulchros, sua existencia expirou n'um occaso de glorias! Elle morreo! como a sensitiva que desmaia ao mais leve affago da lascivia, o poeta exhalou sua alma aos primeiros bejos da Dor!

Pobre moço! a tunica do poeta foi a sua mortalha!

Não ves essas virgens languidas que se inclinão ao luar juncto de um cypreste, estendendo as mãos para o céo, com os olhos fitos nas estrellas que desmaião, com as tranças fluctuando sobre as suas vestes alvas, na immovel attitude da dôr? Um cyrio e lagrimas! Não perturba os segredos de uma saudade infinita!

As donzellas tristes chorão o Romeo da poesia!

Casimiro!

Nos mares bonançosos da esperança corrias livre e descuidoso pelos mundos ideiaes da phantasia aos zephiros de mil osculos! *Colombo dos amores*, descortinavas á noiva de tua alma os paizes encantados onde adormecias á sombra do

Surgio a luz um novo contendor das letras—o *Forum Litterario*, redegido pelos academicos Macedo Soares, Pamplona, e Americo Lobo. E' um irmão, que lobrigou-nos por entre a poeira do deserto, e vem offegante unir-se á caravana; prantêa as glorias que sumirão-se no passado, e sorri para ás esperanças, que lhe despontão no futuro. O peregrino ancião, que sentava-se já enfraquecido e desanimado em meio da viagem, ouve o brado do mancebo—avante! e levantando-se aperta-lhe a mão e repete:—

EM NOME DA ARTE, SALVE!

Passemos ao que diz respeito propriamente ao Culto.

—Deliberou-se em sessão que se manifestasse pelo jornal a dor pungente de que se acha possuido o Culto pelo passamento dos dignos socios honorarios os Srs. Casimiro de Abreu, e Dr. Ferrão. Tarde talvez vamos derramar uma sentida lagrima sobre os tumulos do poeta eximio, e do sincero amigo da mocidade; mas não importa, cedo ou tarde cumprimos o nosso dever.

Eleições.—Os Srs. Gonçalves Bastos Tostes, e Cerqueira de Miranda, deixarão vagos os cargos de Vice-Presidente, Supplente á Orador, e Thesoureiro: o primeiro e ultimo pedirão suas demissões; o segundo perdeu o direito. Forão eleitos para substituil-os os Srs. Pestana, Antão, e Moller. O Sr. Loyola foi eleito para supplente á Secretario; hoje occupa esse lugar o Sr. Freitas Guimarães.

O Sr. Barros Junior demittio-se do cargo que occupava na Commissão de Redacção. Foi substituil-o o Sr. Pereira dos Santos. Posteriormente procedeu-se á eleições pelas vagas que deixarão os Srs. Americo Lobo, Silva Pontes, e Pereira dos Santos: forão eleitos os Srs. Americo Lobo, (reeleito) Gonçalves Bastos, e Alvares de Azevedo.

O maior enthusiasmo tem presidido ás nossas discussões.

Continuou em terceira discussão o parecer do Sr. Campos Salles—Haverá um direito de necessidade?—Fallarão os Srs. Rodrigues Torres, Flores, Gonçalves Bastos, Moller, Vasconcellos, e C. Salles.

Em seguida discutio-se o parecer do

Sr. Vieira Machado.—Orarão os Srs. Almeida Reis, Pestana, Moller, Britto, C. Salles e Quirino dos Santos. O parecer versava sobre esta these:—A divisão e harmonia dos poderes politicos será, como se vê no art. 9 da Constituição, o principio conservador dos direitos dos cidadãos e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias que offerece a Constituição?

—Forão discutidos successivamente os seguintes pareceres:—O individuo que aconselha um crime, depois de effectuado, será criminoso? Si o é, qual o gráo de culpabilidade? Deve ser autor ou auxiliar?—do Sr. Campos Salles.—Qual o fim que tiverão em mira os revolucionarios de 1842. Exorbitar as raias da constituição?—do Sr. Almeida Reis.—Ha um direito de resistencia? do Sr. João Carlos.

Tiverão a palavra sobre o primeiro os Srs. Almeida Reis, Campos Salles, João Carlos, Pestana, Alvares de Azevedo, Britto Junior, e Santos Silva. Discutião o segundo os Srs. Antão, Reis, João Carlos, Pestana, e Quirino dos Santos. Sobre o terceiro orarão os Srs. Campos Salles, Britto Junior, João Carlos, Antonio Carlos, Tostes, Pestana, e Gonçalves Bastos.

O que levamos dicto demonstra significativamente o sancto amor da sciencia, que anima os socios do Culto. Não ha, é verdade, esse enthusiasmo d'outr'ora, febril e desvairadó; mas uma dedicação sincera e reflectida, traduzindo-se em resultados beneficos.

E' uma juventude briosa, que não dorme indifferente á voz do progresso; comprehende sua missão: cré e espera no porvir.

Sim! os socios do Culto ousão créer em um futuro melhor para sua patria; esperando, bradão com Eugenio de Pelletan:—«Colloquemo-nos a frente da verdade, antes que a verdade passe sobre o nosso corpo e continue sem nós o seu caminho!»

J. C.



**Sobre as sepulturas do Dr. José
Tell Ferrão, e Casimiro
de Abreu**

O Culto á Sciencia perdeu para sempre dois dos seus socios. A morte, esse escolho inevitavel no mar da existencia, de encontro ao qual se desfazem as mais altas aspirações, da mesma sorte que se tornão em escuma os mais arrojadados vagalhões d'encontro a um rochedo, roubou-nos um ente que era bem charo a toda a mocidade academica.

Uma lagrima sobre a lousa do Dr. José Tell Ferrão.

Uma lagrima vale bem um mausoleo porque ella symbolisa a dor e a gratidão!

E que mais outra couza lhe pôdemos offerecer?

E que mais outra couza se pôdia dezejar?

Esses altos monumentos de orgulho levantados á memoria dos homens não se desmoronão frageis como tudo que é feitura do homem?

Uma lagrima é um gemido, um suspiro que se esvae na amplidão dos céos junto aos pés do Eterno; uma lagrima é uma supplica que Deos acolhe em seu seio, uma supplica em favor d'aquelle por quem choramos.

Ainda era moço! sonhava ainda com o futuro; talvez com a gloria!

Oxalá tenha elle alcançado aquella que não morre, que dura sempre porque é de sua essencia a—eternidade!

O Dr. Ferrão era um dos homens mais amigos da mocidade.

Quantos serviços não prestou elle aos nossos primeiros insaios e esforços?

Não se poupava a fadigas; pela cauza das lettras era capaz de sacrificar-se.

Amava a Patria e dezejava a felicidade commum.

O Culto a Sciencia tambem triste e enlutado vem depor sobre a lagem que cobre os restos mortaes de seu socio, o

cantor das *Primaveras*, uma roza branca que symbolise a sua saudade. Tarde... que importa? será mais um louro para o poeta a ideia de que alem de sua morte viva bella e chorosa a lembrança de sua passagem na terra,—a lembrança, essa phenix pallida das sepulturas privilegiadas. Dir-se-hia que a lyra do bardo ainda murmura docemente no recinto do descanso eterno as melodias agora frouxas de suas estrophes, e que nós, os vivos de um dia, attrahidos pelas harmonias do passado, choramos o nada do presente.

Elle passou! Ave desgarrada dos jardins etereos adejou um instante sobre o lago azul da mocidade, pura e candida como o sopro de um anjo. As agoas lhe espelharão a linda imagem, como os echos repetirão os accordes de seus hymnos. Depois veio-lhe a nostalgia do céo, e a misera, soltando o cantico de seus derradeiros adeoses ao sol brilhante dos tropicos, cahiu sem vida no campo funerario dos finados.

Elle passou! aos primeiros assomos de um futuro emmurehecido na cal dos sepulchros, sua existencia expirou n'um occaso de glorias! Elle morreo! como a sensitiva que desmaia ao mais leve affago da lascivia, o poeta exhalou sua alma aos primeiros bejos da Dor!

Pobre moço! a tunica do poeta foi a sua mortalha!

Não ves essas virgens languidas que se inclinão ao luar juncto de um cypreste, estendendo as mãos para o céo, com os olhos fitos nas estrellas que desmaião, com as tranças fluctuando sobre as suas vestes alvas, na immovel attitude da dôr? Um cyrio e lagrimas! Não perturba os segredos de uma saudade infinita!

As donzellas tristes chorão o Romeo da poesia!

Casimiro!

Nos mares bonancósos da esperança corrias livre e descuidoso pelos mundos ideias da phantasia aos zephiros de mil osculos! *Colombo dos amores*, descortinavas á noiva de tua alma os paizes encantados onde adormecias á sombra do

jasmineiro, cantando e sonhando! Quem pode converter em goivos os laureis de tua fronte? Que tempestade pode arrancar-te a flor de tuas Hesperides?

Raphael!

Nas desventuras, não tinhas o pranto maldicto dos archanjos do crime. Era uma lagrima doce que te cahia pela tez, singella e limpida como a perola que desce nas correntezas do arroio. Tuas tristezas erão incertas e melancholicas como o crepusculo da tarde.... *Cantor das assucenas*, como Alvares de Azevedo que de vezes não balbuciaras, repassado de magoas

Quanta gloria presinto em meu futuro,
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Ai! tambem o fogo do genio devorou tuas entranhas como a brasa inflamada!

Tambem no raiar da mocidade, o amor da mulher surrio-te feiticeiro na febre de teu cerebro em delirio!

Pobre poeta!

Se teus labios exhalarão os murmurios da criança que se embala formosa n'um berço de rozas e lyrios entre as fragancias do deserto, teu tumulo, como o esquife do infante que a indiana deposita no alto das ramagens embalsamadas das arvores, balança-se entre o céo e a terra aos bafejos da poesia, emblema da aspiração que remonta. Teu tumulo é como se fosse um thurybulo que espalhasse nas amplidões do espaço myrra e perfumes!

Casimiro!

Foste fecundo como o raio do sol. De teu brilho nascerão as *Primaveras*, essas *Nayades* de tua *Castalia*. Do naufragio de tua vida nasceo a *Loura*, essa *Alcyone* de teus canticos!

Sonha e canta! no ermo, e no silencio vibrão mais sonoras as voses do infinito!



Esboço historico-litterario sobre a Provincia de Minas-Geraes.

(Continuação do n. 11)

Em 1710 em vista das commoções que acabamos de narrar, do prodigioso augmento da população e em fim da importancia á que já tinha chegado a provincia, a metropole de Portugal elevou-a à categoria de capitania unida á de S. Paulo que nessa epocha separou-se do Rio de Janeiro. Antonio de Albuquerque Coelho foi o primeiro governador das duas capitancias, e só com a sua presença em Minas pode completamente aplacar as dissensões que lhe havião creado o posto.

Com a affluencia dos povos de toda a parte subiu de ponto o numero dos habitantes, e o commercio augmentou-se prodigiosamente. Mas esta porção de homens pela maior parte composta de aventureiros e bandidos, de individuos cuja unica divisa era a ambição, não podia trazer um progresso como se deveria esperar caso fossem homens moralizados e de bons costumes. Deduz-se pois que as artes e as sciencias ficaram esquecidas, e que nenhum desenvolvimento terião; e de facto ninguem tratava senão de enriquecer-se licita ou illicitamente para voltar logo a gosar na Corte do fructo de seus trabalhos; a unica industria que florescia era a mineiração por ser aquella que mais lucratiava se mostrova.

Assim porem não podia continuar, e uma nova ordem de cousas devia apparecer visto que a civilisação e as luses quasi sempre acompanhão a opulencia: a despeito mesmo das incriveis difficuldades com que tinha de lutar todo aquelle que desejava adquerir alguns conhecimentos, elles forão apparecendo se bem que vagarosamente; os que dispunhão de grandes fortunas mandavão seus filhos á Portugal, onde recebião uma educação completa, relativamente á aquella epocha; aquelles porem que não tinhão bens da fortuna e que reco-

nheção a necessidade de elevar o espirito assim da materie, esses limitavãose apenas ao pequeno estudo das primeiras letras em escholas particularessendo para isso preciso furtar algum tempo á seus trabalhos.

As povoações do Rebeirão do Carmo, Villa Rica, Sabará e outras mais forão n'esta epocha elevadas á cathegoria de villas; n'ellas se estabelecerão autoridades regularizadas, e o governo ia a passos largos caminhando para uma reacção contra a licença que até então havia existido, mas que como todas as reacções ultrapassando o ponto em que devia parar ia mais tarde basear o despotismo militar a que a provincia assim como todo o paiz esteve entre até q' foi elevada a cathegoria de Reino unido a Portugal.

Quão felizes não fomos nós se não descendessemos do envelhecido Portugal! Quão feliz não seria elle em sua colonia se não estivessem seus filhos decrepitos e fracos alimentando-se das recordações do passado e dos feitos de seus avós, sem jamais procurar imital-os! Mas as nações envelhecem como os homens; Portugal nasceu, subiu ao zenithe de sua gloria e hoje decrepito, marcha para o aniquilamento de sua nacionalidade, e talvez bem cedo o vejamos como uma possessão ingleza ou uma provincia hespanhola.

Conservando arraigadas na peito as crenças absolutistas em quanto que tudo caminhava a largos passos para a expansão das liberdades publicas, intentando pretencioza e avarenta encadeiar para sempre os homens que aprendião na eschola da natureza e do deserto, e locupletar para si as immensas riquezas que um paiz como o nosso, em abundancia podia fornecer á sua cobiça, a corte portugueza passou a empregar todos os meios de repressão que lhe surgeria o genio máo da terra de Santa Cruz. Na provincia de Minas talvez mais do que em alguma outra, esta repressão se manifestava ja pelos impostos exagerados que lançavão sobre o ouro, fonte exclusiva de sua riqueza,—ja pela pratica de uma justiça arbitraria e estu-

pida onde um só individuo era juiz e algóz.

A simples leitura destas considerações é bastante para mostrar quão deminuto era o progresso das letras n'essa epocha; todavia nem por isso faltavão homens intelligentes e illustrados. Quanto as artes, a mesma sorte das letras as persegia, se bem que um pequeno desenvolvimento fosse pouco á pouco fazendo com que os homens lhes concedessem mais algum interesse e pequenas officinas fossem apparecendo para o fabrico do algodão e do ferro, materias que erão impostas ao colono pela estulta cobiça do portuguez. Assim caminhou a capitania de Minas até o anno de 1720 em que desligou-se da de S. Paulo e e passou a formar um governo especial cuja séde era a Villa do Ribeirão do Carmo hoje Cidade de Mariana.

Esta epocha demarca o primeiro movimento reaccionario dos colonos contra o jugo de ferro que sobre carregava seus hombros, contra o senhor portuguez despota e tyranno; foi o primeiro preludio do 7 de Setembro, posto que não passasse, como veremos, de um pequeno movimento da população contra a autoridade. Todavia ja por esse movimento ja pelo de 1789, a provincia de Minas tem a gloria da primazia nas victimas que a tyrannia immolou á liberdade.

Mas na actualidade não nos convem lembrar as glorias que lá se achão como lendas escriptas nos livros do passado, e cuja memoria se vai pouco a pouco esvaecendo. Não temos ante nós a triste realidade? Não vemos essa bella e importante parte do imperio rapida caminhar para a oppressão dos tempos coloniaes? Não a vemos esquecida e mesmo despresada entregue ás mãos de autoridades que, quando tenham algum prestigio, só é para servir cegamente de instrumento aterrador do governo central, desse abutre horrivel que egoista quer tudo devorar com suas garras sanguinolozas? Sim, e em vão diria o cidadão zelozo de sua patria que o leão dorme e que seu somno está prestes a terminar; se uma grande cabeça dirigisse os nos-

sos destinos, se um braço forçoso comprimisse o movimento popular, se enfim um politico profundo, um Napoleão III se achasse a frente do governo do Brasil poderíamos dizel-o; mais quando a fera serve de brinco a creanças, tarde ou nunca readquirirá seu vigor perdido.

O anno de 1720 marca o primeiro periodo que estabelecemos ao nosso trabalho; vejamos porque.

Desde 1813 que o povo mineiro se havia obrigado a pagar ao governo portuguez o avultado imposto de 30 arrobas de ouro annualmente para que não se estabelecesse a casa de fundição, instituição que servia para reduzir-se a barras todo o ouro que se colhia, deduzindo-se em sua fundição um imposto arbitrario. Era prohibido a todos, sobpena de confiscação, levar para fora da Provincia qualquer quantidade de ouro sem que passasse por essa barreira, donde sahia depois de fundido e acompanhado de uma guia assignada pelos respectivos empregados, tornando-se assim impossivel aquem quer que fosse furtar-se a esse imposto.

O pagamento porem a que se tinham obrigado os mineiros para se livrarem desta despotica e absurda instituição não se tinha podido realisar, já por ser em extremo exorbitante para o rendimento desse tempo, já por se achar dirigindo a capitania D. Braz Barthazar da Silveira que não obstante ser delegado de um governo barbaro e despoticos todavia sabia comprehender as misérias do pobre e não o obrigava a arrancar o pão de suas familias para pagar impostos ao governo. Um homem como este não servia; Barthazar foi bem depressa substituido por D. Pedro de Almeida que por si só nada pode conseguir; mas que auxiliado por um Ouvidor, Martinho Vieira, que fora nomeado para cobrança de imposto sobre o ouro, tratou de estabelecer a casa de fundição onde marcou-se que pagassem todos a quinta parte do ouro que fundissem.

Alem da attribuição de cobrador dos quintos achava-se Martinho Vieira revestido de autoridade para exercer diversas funcções da magistratura, o que

elle fazia com escandalosa injustiça contando sempre com o apoio do governador, que approvava seu procedimento desregrado. Em cousequencia pois disto e da maneira porque Martinho Vieira procedia a cobrança dos impostos, reduzindo á ultima miseria todos aquelles que tinham dividas anteriores, diversas pessoas da primeira classe fizeram conhecer ao povo os seus direiros de soberano e guiarão-no em uma revolta que se declarou contra o governo e que ia, para elle, tomando assustadoras proporções. A primeira manifestação desta revolta teve lugar a 28 de Junho de 1720 em que dirigirão-se em massa a casa do Ouvidor que havia fugido em virtude de um avizo que recebera; ahi derão expansão a sua colera, arrombando as portas e lançando á rua tudo quanto encontrarão em casa, não exceptuando papeis publicos e particulares a que deitirão fogo.

A frente da revolta achavão-se Sebastião da Veiga, Pascoal da Silva Guimarães, e Musqueira, todos homens de consideração; alem delles ainda, outros de grande importancia. Animados pelo bom suceso convencerão ao povo de que devia alcançar do Governador uma garantia futura e para isso mareharão a sua frente para o Ribeirão do Carmo, onde elle então se achava. Em presença da opinião publica que tão alto fallava, este foi forçado a ceder e concedeu tudo o que pedirão, visto que nem com a força publica (bem limitada) podia elle contar.

Não satisfeito com isto, o povo foi adiante e começou, como sempre acontece em analogas circumstancias, a caminhar da oppressão em que vivia para uma anarchia, talvez mais perigosa; então fraccinou-se a revolta, grande parte daquelles que a apoiavão passarião a sustentar o Governador, que forte com este soccorro e com a estrategia em que era habil, conseguiu prender todos os chefes. Receando que isso não bastasse mandou executar a Philippe dos Santos, despedaçar seu corpo e espalhar os membros na Villa do Carmo onde se achava e em Villa Rica. Alem deste mais

alguns infelises tiverão a mesma sorte, e o meio foi efficaz porque a re-volta acalmou-se.

Suffocou-se o povo porque queria mais do que devia querer, abandonarão-no os grandes que havião fomentado a insurreição, mas sustentarão o Governador ainda mesmo depois de ter praticado um acto de estúpido barbarismo; porque esse mesmo Governador tinha tido a feliz lembrança de escolher victimas no povo e não n'aquelles que por sua fortuna ou influencia poderião novamente rebellar ou comprar o punhal do assassino, que o matasse.

(Continúa.)

Refutação ao artigo do Senhor Ferraz de Campos Salles, sobre a these:

Haverá um direito de necessidade?

I.

A origem do Direito de necessidade, Hautefeuille appresenta no seu—*Droit des Nations Neutres*—. Alguns Publicistas encontrando um conflicto entre os direitos das Nações neutras, e os direitos das belligerantes, para harmonisal-os buscarão, ou antes imaginarão o direito de necessidade, em favor d'estas. E raciocinavão desta maneira:

Dada uma guerra entre duas nações, o direito de neutralidade garante ás nações pacificas de não soffrerem em nada das consequencias *directas* da guerra; ellas continuão, como d'antes, com todos os seus direitos salvos, mantendo sempre a neutralidade e a imparcialidade em todos os seus actos; por conseguinte ellas continuão a gozar da liberdade do commercio, que lhes era garantida antes da guerra. Mas, proseguem elles, as belligerantes, tendo o direito de empregar todos os meios com que possão prejudicar a seus inimigos, teem o poder, de prohibirem que as neutras commerciem com elles, por-

q'esse commercio favorece-os. Então, phantasiando um conflicto entre os direitos das nações, elles buscarão, como dicemos, o direito de necessidade com que procurão justificar todas as violencias praticadas contra a propriedade das neutras. Tomado, como aqui, o direito de necessidade, facil era refutal-o,—desde que se tiasse a causa, cessaria o effeito, desde que se mostrasse que não ha tal conflicto, mas unicamente confusão, desde que se harmonisasse os dous direitos com os deveres correlativos, desapareceria tambem o imaginario direito. (1)

Wolf, (2) sustenta este direito para as nações, em todos os tempos, e em todas as circumstancias de necessidade. E' este tambem o sentido do meu amigo; elle dá o direito de necessidade á todos os homens, e a todas as nações, em todas as circumstancias em que a necessidade os faz precizar d'elle.

Analysemos os argumentos em que elle se apoia.

II.

O primeiro, e para mim o mais forte, resume-se no seguinte: Todos teem a obrigação de socorrer ás necessidades de seus semelhantes; salvo si houver prejuizo da sua parte; mas assim como á todo direito corresponde uma obrigação, assim tambem á toda obrigação corresponde um direito; ora os homens teem a obrigação de se socorrerem mutuamente, logo todo o individuo, que estiver necessitado, tem o direito de exigir o socorro que os seus semelhantes lhe puderem prestar sem prejuizo proprio. Depois, applica o meu amigo o Direito Natural ao Direito das Gentes, e reconhece ahi o mesmo direito. Eu dice acima que este era o principal argumento; não quero com isto achar força alguma n'elle; digo principal, porque o outro não é propriamente argumento, mas uma refutação.

Com effeito, eu acredito que os homens teem a obrigação de se socorrerem mutuamente; no caso de necessidade, e, accrescenta o meu amigo, quando não

(1) Hautefeuille, Tit. VII, Sect. II, § II

(2) Citado pelo mesmo.

haja prejuizo da parte do que presta socorro. Ora aqui está uma difficuldade; este prejuizo de terceiro parece appresentar algum embaraço.

O direito de propriedade é um direito absoluto, e, como diz Ahrens, intimamente inherente á personalidade humana; no e tanto, o tal direito de necessidade vem ferir directamente a propriedade, e sendo esta inherente, como dicemos, à personalidade, tambem fere a esta; e como não haver prejuizo da parte daquelle que da o socorro? De duas uma, ou o individuo que presta socorro, fal-o livremente, e então temos a satisfação tão somente de um dever moral, ou então elle é forçado á deixar a propriedade. Dirá o meu amigo, como diz adiante sobre a soberania e independencia das nações, o direito de necessidade não fere o de propriedade, mesmo quando o individuo é forçado, não ha aqui collisão de direitos, temos unicamente que um começa á exercer-se quando outro *descança*.

Mas, pergunto eu, como é que este direito *descança*? Deixa de existir?

Temos então que quando um individuo acha-se n'um caso de necessidade, um outro qualquer individuo que possa supprir essa necessidade, perde o direito que tinha sobre toda a propriedade bastante para esse supprimento. Fica por tanto essa propriedade sendo—*res nullius*,— e só reservado o direito sobre ella para aquellas pessoas, que tiverem necessidade. Mas, ainda continuo eu, quem da-lhe este direito excepcional? Será o facto inteiramente anormal da necessidade? Por certo que não; porque então, dada a hypothese de dous individuos terem necessidade, havia completa collisão entre os dous direitos. Será o facto material da primeira occupação? Ainda não; porque nesse caso tinhamos a força constituindo direito, porque animo os dous teem.

Assim, temos que ou se hade dizer que a necessidade constitue um direito, que fere a propriedade, ou se hade dizer que ella faz *descançar* o direito de propriedade, para dali se originar um novo direito. E nós acabamos, de mostrar—parece-nos—que ambas estas hypotheses são inadmissiveis e impossiveis.

Alem disso, suppondo que haja esse direito de necessidade ou é um direito absoluto, e não pode haver collisão com o de propriedade, que tambem o é, ou então é um direito hypothetico, e não pode ir contra um direito absoluto, porque aquelle é fundado sobre este (3)

Portanto não podendo haver o direito de necessidade entre os homens, este argumento fica inutilisado e não pode tambem ser levado ás nações.

III.

Eu sigo com tal convicção a doutrina daquelles que negão o direito de necessidade, que quasi que me persuado de que o meu amigo, não sustenta de convicção as ideias que emittiu no seu artigo. E na verdade, quem, ainda mesmo como eu, sem ter estudado a sciencia de que a materia faz parte, quem digo eu, depois de ter lido os §§ II, III, e IV, do Tit. VII, do—*Droit des Nations Neutres*—de Hautefeuille, ainda sustentará tão revoltante e absurdo direito?

Deixaria pois de reproduzir aqui as argumentações com que este author combate esse direito; mas ja que tomei á meu cargo, quero levar até o fim.

Depois do seu primeiro argumento, que acabamos de analysar, o meu amigo cita de passagem a opinião de Kluber, como para corroborar a sua, e passa á expor uma argumentação daquelles que negão o direito de necessidade, procurando refutal-o.

Tal é a argumentação:

Todas as nações teem os direitos inviolaveis e absolutos de soberania, e independencia, direitos por tal sorte inherentes a sua existencia, que sem elles, ellas, não poderião existir, como todos o reconhecem; ora, dizem aquelles, de quem sigo as opiniões, o direito de necessidade admittido, elle fere completamente estes dois direitos, que vós reconheceis como inviolaveis, como imprescriptiveis; logo temos uma verdadeira collisão entre estes direitos, collisão tanto mais inadmissivel quando ella faz desapparecer a soberania

(3) Ahrens, Chap. III—§ VIII—Part. Spec.

e independencia das nações quando faz desapparecer as proprias nações.

E' o mesmo argumento que apresentamos acima, somente levado ao Direito das Gentes.

Para refutal-o, o meu amigo. diz, que *aqui não temos jurisdicção dentro de jurisdicção, temos tão somente que um direito (o de necessidade) começa á exercitar-se quando o outro (o de soberania e independencia) descança.* Ora aqui temos a mesma difficuldade que encontramos quando tratamos do direito de necessidade entre os individuos.

Com effeito, Ferraz, eu desejará que me explicasses como, de que maneira concebes este—*descança*—? Eu quizera que me dicesse como é que esta jurisdicção cessa, para dar lugar á uma outra?

De maneira que temos que duas nações dadas, uma abundante em viveres, para servir-me do mesmo exemplo, outra extremamente necessitada delles, esta pode empregar a força, se aquella recusar-se á dal-os; e então aquella perde a sua soberania, a sua independencia!!! Perde como? Não comprehendo! E só quando cessar a jurisdicção da nação necessitada, é que a abundante póde recuperar os seus antigos direitos! E' incomprehensivel!

Mas, replica o auctor do parecer, *n'es-se caso tambem não se póde conciliar o direito de propriedade com o direito que todos tem de se conservar.* Quer pois o meu amigo, tirar o direito de necessidade do conflicto destes dous direitos. E' o mesmo conflicto que achavão alguns Publicistas entre os direitos das nações neutras e das belligerantes; e desde que se os harmonisar com os seus deveres correlactivos, desapparece o pretendido direito. Com effeito o direito de se conservar não é, como nenhum direito, sem limites; elles todos tem deveres que fazem que um não traspasse os limites do outro. Assim temos que se uma Nação tem o direito de se conservar, este direito é limitado em seu exercicio pelo dever que essa mesma nação tem de respeitar os direitos de outra qualquer.

Agora, quantas difficuldades não im-

possibilitão a existencia deste imaginario direito!

Hautefeuille as apresenta, e seria longo occupar-mo-nos d'ellas. Supponhamos que a nação abundante em viveres, recusa-se á socorrer a necessitada; não estará em seu direito? Creio que sim.

O meu amigo, diz que para haver esse direito é necessario que a necessidade seja real; quem é o juiz entre as duas nações? Uma julga-se summamente necessitada, a outra julga que essa necessidade não é real, e toda apparente, e em seu prejuizo; uma não póde dar leis á outra, ambas são iguaes entre si, e inteiramente independentes; uma julga-se com direito, a outra tambem julga-se, qual será o meio de decidir? Uma guerra?

Temos pois demonstrado—parece-nos—que é impossivel, e que não existe o pretendido direito de necessidade. Quanto ás opiniões de Kuber e Wattel, achamos n'ellas os mesmos embarços.

Além do que todos sabemos que a escolla antiga de Wattel não descriminava bem os deveres moraes dos deveres juridicos, e que esse paragrapho citado em seu apoio é inteiramente de moral. Se me não falha a memoria, são as palavras mais ou menos de um Lente da nossa Academia.

Resumindo, direi que concordo com o meu amigo, que existe realmente nos casos de necessidade uma relação de obrigações entre os individuos, e entre as nações, sem a qual a Sociedade não existiria; mas que estas obrigações são inteiramente facultativas, são inteiramente obrigações moraes; e minhas ultimas palavras serão as do Snr. Silva Costa: o simples enunciado—direito de necessidade—revela ao entendimento duas ideias que se repugnão entre si e taes são, repetimos—direito e necessidade. (1)

João Quirino.

(1) Exercicios Litterarios do Athencu Paulistano, n.º 2, Serie 2, anno X.

A FONTE SECCA.

Aqui se deslisava uma corrente
Placida e bella á flôr das esmeraldas;
Era á tarde,—*ella* vinha docemente
Descendo para junto destas fraldas.

Ella descia tão formosa e quieta,
Com tanto amor nos olhos erradios,
Que eries sentir a terra inquieta;
Calando por temor seus murmurios.

Chegando ao val, a filha da collina,
Com as tranças gentis soltas ao vento,
Veio fitar a lympha crystallina,
Que fugia á seos pés como um lamento.

Da relva reclinada no canteiro,
Sua imagem olhou no espelho liso...
Ai! tão bella! no quadro feiticeiro
Reflectio-se dos labios um sorriso.

Então a doudejante borboleta,
Revoando com a aza transparente,
Osculou a mimosa violeta
Que seu calix abria p'ra nascente.

Ella colheo a flor, e a machucando
Prendeo-a sobre as tranças dos cabellos;
Depois adormeceu; um sonho brando
Na mente lhe entornou scismares bellos.

O zephyro soprando nas madeixas
As folhas desfolhadas espalhava....
A fronte murmurando tristes queixas
Os ultimos gemidos exhalava...

*

Aqui se deslisava uma corrente
Placida e bella á flor das esmeraldas...
A virgem despertou—mas docemente
Jamais *ella* desceo por estas fraldas

AMERICO LOBO.

ANGELO

OU

O LEPROSO DO BOSQUE DE BOLONHA.

DRAMA EM QUATRO ACTOS,

POR

FLORIANO JOSÉ DE MIRANDA.

OFFERECIDO

A' associação Culto á Sciencia.

PERSONAGENS.

O Sr. D'AVRIGNY.....	40	anos.
ANGELO, leproso.....	50	»
FILIPPE DE MARCEY.....	25	»
ARTHUR DE BELVILLE.....	22	»
ALBERTO DE MENGIS.....	20	»
RAOUL, medico.....	36	»
O ABBADE DUPRAY.....	47	»
DUPIN, criado.....	48	»
PAULINA D'AVRIGNY.....	16	»
A Sr. ^a DUPIN, sua criada...	43	»

Duas testemunhas, criados, Damas e Cavalheiros.

A acção do 1.^o acto passa-se no Bosque de Bolonha (1841), as do 2.^o e 3.^o em Paris (1842),—a do 4.^o no arrabalde de S. Germano (1850).

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS.

- 1.^o ACTO—Pai e Filho.
- 2.^o , Os titulos de nobreza do poeta.
- 3.^o , A despedida e o cofre.
- 4.^o , O Duque de Parma.

ACTO 1.^o

PAI E FILHO.

Bosque de Bolonha: á esquerda do espectador—arvores; á direita—bancos de pedra e algumas arvores pouco frondosas; ao fundo—a cabana de Angelo e alguns ramos. Ao levantar o panno, a porta da cabana deve estar aberta de fórma que veja-se um leito de palhas.

SCENA 1.^a

Angelo, sentado á porta da cabana,
triste.

ANGELO.—Sem patria, sem parentes, sem amigos!... (*Pausa*). Abandonado! desprezado! (*Erguendo-se á muito custo*). Ah! (*Gemido longo*). Meu Deos, matae-me! matae-me antes! (*Vindo á boca da scena*). Margarida tentou e conseguiu separar-se

de mim... Mas... ella saberá guardar o segredo que lhe confiei, resignar-se-ha á vida de costureira! Meus filhos, os filhos de Margarida jamais saberão que devem a sua existencia ao *leproso do bosque de Bolonha*. Tremo pela sorte do que deve estar com Margarida: será desgraçado—quando podia ter um nome na sociedade! Quanto ao outro, nada tenho a temer: o conde Henrique dar-lhe-ha um nome e um thesouro... (*Olhando para fóra*). Mas... que vejo? Um cavalheiro e uma dama dirigem seus passos para aqui? E' porque ignorão que reside aqui um leproso! Occultemo-nos. *Entra e fecha a porta da cabana.*

SCENA 2.^a

O Sr. d'AVRIGNY, PAULINA E DUPIN.

O Sr. d'Avrigny.—(*Para fóra*). Os cavallos?

Dupin, entrando.—Não vos dê cuidado, Sr. conde; tratál-os-hei, como se fossem meus filhos. Amarrei-os á uma arvore, passarão bem todo o tempo que lá estiverem (*A' parte*) Não nasci para a vida de lacaio ou criado... Quizéra antes ser homem d'Estado.

Paulina.—Bem me havião dito :—é muito poetico o bosque de Bolonha.

Dupin, á parte.—O que aquella cabana encerra ha de ser bem prosaico... Não creio em... Animo!

Paulina.—Meu pai, estou mui satisfeita: já passei por todas as ruas deste bosque... Ah! dizei-me, meu querido pai, quem são aquelles senhores que encontramos na rua da Muda? (*A' parte*). Como é bello!

O Sr. d'Avrigny.—São os Srs. Philippe de Marcey, Arthur de Belville, Raoul ..

Paulina.—E os outros, meu pai? Aquelle que trajava sobre-casaca? O que estava tão modestamente vestido!

O Sr. d'Avrigny.—Não conheço-o.

Dupin.—E' o Sr. Alberto, filho da tia Margarida, costureira, que móra na rua Garancière.

Paulina, á parte.—Não importa! E' tão bello, tão amavel! (*Alto*) Se fossemos dar mais uma volta pela rua da Muda...

Dupin, á parte.—E que tal?

O Sr. d'Avrigny.—Sentemo-nos e conversemos (*Sentão-se n'um banco de pedra*).

Paulina, triste.—Conversemos... (*Pausa*) Mas... é tão bella aquella rua da Muda que até estou com saudades por havel-a deixado.

Dupin.—Meus amos, vós não vistes uma curiosidade que ha... na rua da Muda.

O Sr. d'Avrigny.—Os cavallos?

Dupin.—São meus filhos, e os pais prezão muito o bem estar de sua familia.

Paulina.—Como elle é bom!

Dupin.—Obrigado. Como ia dizendo, ha na tal rua da Muda certas teteias bem interessantes que distrahir-vos-hião de alguma sorte.

O Sr. d'Avrigny.—Antes de irmos para Paris daremos mais um gyro por essa rua que tanto vos interessa.

Paulina, á parte.—Se elle lá estiver o meu segundo passeio será bem divertido! —Alberto...

O Sr. d'Avrigny.—Os cavallos?

Dupin, á parte.—Com effeito! (*Alto*). Pastão a seu bel prazer.

O Sr. d'Avrigny.—Da fórmula...

Dupin.—Perdão! Fazei-me mais justiça. Não sou d'aquelles *moços d'estribaria* que atão os animaes com as cabeças distante das hervas quasi cinco palmos. Não, não sou tão estúpido—como esses *petit-maitres* que se gabão de bem tratar os meus filhos. (*Ao fundo e apontando para fóra*). Ahi está o vosso Bajazet que pasta livremente. Zaz-traz! partio ao meio um... Nem sei como lhe chame. Mais adiante—Djerid assemelha-se ao vosso bom criado Dupin quando, no seu canto solitario, devóra as suas nácas derradeiras de *roast-biff*. A' alguma distancia dos dous Bucephalos, o meu filho mais querido, o meu amavel Magog arranca destramente algumas hervas. Coitado! (*Triste e sentimental*). Está magro... ih! Tem razão! Pertenceo ao Capitão... Diabo! Desculpae-me, meus queridos amos; enganei-me, o ex-dono de Magog não se chama Capitão Diabo... e sim denomina-se... Qual! quando esqueço-me de alguma cousa jámais torno a lembrar-me (*A' um lado da scena*). Ca-

pitão... Capitão... (*A' parte*) Diabo leve o Capitão!

Paulina.—E' bem interessante o vosso criado, meu pai.

O Sr. d'Avrigny.—E' dotado de um caracter nobre, é honrado, as suas acções são dignas de elogios. Algumas vezes, porém, torna-se bastante singular; nisto: tres dias depois da sua vinda para nossa casa—pedio-me que lhe concedesse alguns momentos de attenção...

Paulina.—Vós—com a vossa bondade usual—lhe concedestes toda a attenção pedida?

O Sr. d'Avrigny.—Certamente, e nem podia recusar-lhe—Porém imagina o que elle me disse.—Vê se adivinhas.

Paulina.—Se eu fosse alguma das Fadas que figurão nas—*Mil e uma noites*—talvez; mas não sou nem serei.

O Sr. d'Avrigny.—Disse-me elle com algum acanhamento: «Meu amo, se eu podesse ser homem d'Estado...» «Ah! ah! ah!» lhe respondi. «Tenho tanta vontade de sel-o...» continuou, sem perturbar-se.

Dupin.—Diacho! Não me é possível vir á memoria o nome do tal Capitão! Hei de trabalhar esses oito annos, se preciso fôr, para lembrar-me. (*O Sr. d'Avrigny e Paulina conversão baixo*). Juro por Deos e um Luiz de ouro que hei de recordar-me ou por *fas* ou por *nefas* (*Ao fundo*). Bajazet, Djerie e Magog! Como elles divertem *as queixadas!* (*Examinando a porta da cabana*). Que trapalhada! Não posso descobrir a fechadura desta *portinhola*. Querem ver que é fechadura de nova especie, sem *buraco*? Haverá habitante nesta especie de cova? Se não me engano, ouvi passos... (*Angelo abre a porta. Dupin dando um pulo*). Santo Breve da Marca! Valhão-me todos os Judas de Sabbado d'alleluia! *Frei Dupin*, um leprozo! Figas! Cruzes! (*Benze-se*).

Todos.—Um leproso?!?!

Dupin, afflicto.—Fujamos deste lugar amaldiçoado! Corramos a montar cada um nos tres cavallos! Não, não, cada dono no seu animal! E' um leproso bem cheio de lepras! Figas! Cruzes! (*Benze-se*). Valha-me Deos! (*Cospindo nas mãos*).

Eu que com estas mãos curiosas... Se

eu ficar leproso, ha de cahir sobre ti o mesmo castigo que destruiu Sodoma, Gomorrha... que erão tão *devassas*—como tu! Malvado! Destruidor do genero humano! Quem te chamou, cousa má?

SCENA 3.^a

OS MESMOS E ANGELO.

Angelo.—Uma esmola pelo amor de Deos. *O Sr. d'Avrigny atira-lhe uma bolça*). Sêde feliz!

O Sr. d'Avrigny.—Quem sois?

Angelo.—Quem sou? um leproso...

Dupin, á parte.—Nada disse de mais.

Angelo.—Sou um homem desprezado por todos e banido pela sociedade, sou o *destruidor do genero humano!*

O Sr. d'Avrigny.—Contai-me a vossa historia.

Angelo.—Nunca!

Paulina.—Meu pai, voltemos para Pariz. Sinto meu coração constranger-se ao encaral-o (*A' parte*). Meu Deos, compadecei-vos d'aquelle infeliz.

O Sr. d'Avrigny.—Ao menos relatai-me os vossos soffrimentos.

Dupin, á parte.—Se pudesse esmagal-o...

Angelo.—Em duas palavras dir-vos-hei tudo.—Só tenho um prazer neste mundo, onde todos, á excepção de mim, são felizes, venturosos.—Sinto esse prazer, quando coço as minhas lepras! (*Dupin cóspe*). E' esta a minha maior ventura! «Ao menos, digo de mim para mim, ainda tenho momentos de gozo, Deos ainda não me abandonou de todo, ainda me concede uma das suas infinitas bondades!»

Dupin, á si.—Os meus *filhos* morrerão de nojo ao vel-o.

Paulina.—Meu pai, partamos; a sua presença me penaliza.

O Sr. d'Avrigny.—Sois casado?

Angelo.—Fui, porque um homem, como eu, não póde ter a ventura de possuir uma companheira! Fui rico, poderoso e feliz! Tive, ha 16 annos, uma esposa a quem amava extremosamente; tive 2 filhos que erão o meu idolo, o meu Deos! Gozei dias felizes, passei horas inteiras a contemplar os meus queridos filhos, passei momentos venturosos, admirando a natureza nas pessoas d'aquellas inno-

centes creaturas (*Chora*). Hoje levo a minha vida, como vêdes, pedindo esmola a todo o viandante que o acaso faz dirigir para aqui os seus passos! Hoje, senhor, em vez de olhar admirado para os meus queridos filhos, contemplo a minha cabana, as minhas chagas, o meu leito—todo ensangentado! Levo o resto dos meus dias a cortar os galhos d'aquellas arvores, testemunhas do meu longo penar, e á amontoal-os junto á minha miseravel choupana! Antes de amanhecer lancei ali aquelles ramos, cujas folhas ainda viçosas seccarão ao nascer do sol! Nos seus primeiros dias aquellas arvores, plantadas pela natureza, erão pouco frondosas, depois tornarão-se copadas e bellas, agora poucos galhos lhes restão e amanhã, talvez, em lugar dellas, estarão troncos e nada mais! Eu, como ellas, fui pouco feliz, depois de muito venturoso, hoje sou uma nullidade, amanhã... serei nada (*Pausa*). Irei padecendo até que o Todo-Poderozo me tire deste mundo, que tem sido, para mim, um sempre soffrer!

Dupin, ao fundo evitando Angelo e á parte.—Os meus tres filhos são mais felizes do que... (*Olha para Angelo, faz um momo e cóspe*).

O Sr. d'Avrigny.—A vossa patria é?..

Angelo.—A França—que ainda não quiz expulsar-me do seu seio.

O Sr. d'Avrigny.—Fallaes perfectamente o francez; porém, as vossas feições indicão que sois italiano.

Dupin, á parte.—Além de conde, será physionomista?

Angelo.—Italia, bella e poetica Italia, jamais te verei! Senhor, alguns annos antes eu era italiano, hoje, porém, sou francez! Confesso, nasci em Parma, percorri toda a peninsula d'orienté á occidente, de sul á norte, e vim terminar os meus dias n'esta patria querida! (*Indicando a cabana*). Visitei Napoles, Gaeta, Florença, Roma, Veneza; andei por toda a Suissa; percorri a maior parte das cidades d'Allemanha; fui á Inglaterra; vim á Paris; comparei Londres com a Capital da França, achei esta mais poetica, contendo em si todas as bellezas do Universo! De Paris diri-me para aqui e aqui ficarei! (*Chora*). Adeus Napoles e Roma,

adeus Veneza, formosa filha dos translugas, roza do Adriatico! Italia, primorosa filha de Deos, paiz bemdicto, esquece-me para sempre! (*Pausa*). Parma! Parma!

Dupin, commovido.—Parece-me que estou commovido. O' senhor, o senhor esteve em Roma?

Angelo.—Estive, percorri toda a cidade.

Dupin.—Vio o Papa?

Angelo.—Vi, fallei-lhe.

Dupin.—Se eu lhe fizer mais alguma pergunta o senhor responder-me-ha sem zangar-se?

Angelo.—Darei resposta á todas as perguntas que me fizerem.

Dupin.—Então diga-me... (*A' parte*). O que lhe hei de perguntar? ah! (*Alto*). O senhor esteve com elle? então hade saber o nome do Capitão que foi senhor de Magog. Diga-me, como elle se chama?

Angelo.—Ignoro absolutamente.

Dupin.—Então não esteve com o Papa?

Angelo.—Simplorio!

Dupin á parte.—Impostor!

Angelo, triste.—Parma! Parma!

O Sr. d'Avrigny.—Não desejaes voltar para a vossa patria?

Angelo.—No estado em que me acho... ser-me-hia bem penoso.

Paulina.—Se eu vos pedisse que voltasses, pagando meu pai as despezas da viagem?

Angelo.—Recusaria, bella menina.

Paulina.—Não tendes amor á Italia? Como a desprezaes?

Angelo.—Desprezal-a?!

Paulina.—Tenho ouvido fallar tanto desse paiz que desejo ir vel-o, para, como S. Thomé, crér o que dizem todos os italianos.

Angelo.—Ide á Roma para contemplardes os tumulos de quasi todos os seus heróes, obra-prima da antiguidade! Ide admirar a dadiva que nos fez Tito, construindo de novo o Capitolio. Capitolio, aquella fortaleza gigante que, no tempo da invasão dos Gaulezes, apresentava um aspecto guerreiro e invencivel! Ide á Napoles, Turim, Verona, Milão e á... Parma, Parma.

Dupin á parte.—Parma! Parma!—Paris! Paris!

Angelo.—Ide, ficareis encantada por

tudo quanto encontrardes! Eu só irei depois de... morto!

Paulina.—Se soubesses quanto me interesso por vós... Meu Deus, restitui-lhe sua saúde.—

Angelo.—Ah! bella menina!

Dupin.—Meus amos, faz-se tarde, e nós... temos de estar em Paris ás 7 horas.

Paulina.—E' verdade, promettémos á Senhora Dupin lá estarmos ás 7 horas, sem falta.

Dupin, á parte.—Senhora Dupin?!...

O Sr. d'Avrigny.—Meu amigo, é forçoso que vos deixe, com tudo, se algum dia precisardes do limitado prestimo do conde d'Avrigny...

Angelo, á parte.—Conde d'Avrigny?! Será possível?!

O Sr. d'Avrigny.—Podeis dirigir-vos á Paris, rua Sufflot, n.º 35 ou á minha quinta no arrabalde de S. Germano.

Angelo.—Deos vos dê longos dias de vida. Elle vos proteja na pessoa do ultimo dos vossos descendentes.

Paulina.—Senhor, todos os dias pedi-rei a Deos que vos livre dessa molestia terrivel. Adeus, bom ancião!

Angelo.—Sêde feliz, Mademoiselle.

Dupin, cumprimentando.—Até mais vêr, Sr. leproso do bosque de Bolonha.

Angelo.—Sêde fiel aos vossos amos.

SCENA 4.^a

ANGELO—SO'—

Angelo.—Não é possível! Elle... o conde d'Avrigny?! Os meus maiores legárão-me uma letra que constituia-me credor do conde d'Avrigny.—Quinhentos mil francos! Essa letra acha-se, provavelmente em seu poder, por quanto dei-a ao conde Henrique de Belville para, com o seu importe, criar o filho que lhe confiei! (*Pausa*). Que corações! Vejamos quanto me deo elle. Cem luizes! cem luizes de ouro! (*Tentando sentar-se*) Ah! meu Deus! não poder sentar-me, sem suppor-tar dores horriveis! Ah! (*Cahe sentado á porta da cabana*). Angelo, não olvides o padecimento de Christo! Elle morreu, padecendo, para te salvar! Soffreo, sendo filho do Eterno, e tu, sendo um misero peccador, não has de penar?! Suppor-ta os teus tormentos! (*Coçando-se*).

Fruamos os nossos unicos momentos de gozo! Ah! (*Levanta-se*). Grande Deos, compadecei-vos de mim! Alguem se aproxima. Occultemo-nos aos olhos desses curiosos. (*Entra e fecha a porta da cabana*).

SCENA 5.^a

FILIPPE E ARTHUR.

Arthur.—Sinto-me bastante offendido por aquelle miseravel! Tentar disputar-me a posse de Paulina?! Elle, um vil mancebo, que descende, talvez, alguma marafona?!...

Filippe.—Desprezaste os meus conselhos de amigo... (*A' parte*) Empregue-mos o ultimo recurso (*Alto*). Vós, o filho do conde Henrique, bater-vos com... elle?

Arthur.—Não importa! Serei feliz no combate. Desafiei-o, havemos de bater-nos. A rua da Muda é impropria para duellar-se, pugnaremos pela nossa causa aqui mesmo.

Filippe.—De novo te aconselho que não te batas.

Arthur.—Nada far-me-ha desistir do duello. Sei manejar com agilidade uma espada ou florete, apprendi a atirar, e estou convencido que hei de matal-o!

Filippe.—E' um duello inutil: Paulina não te ama, os seus olhares erão delle, erão d'Alberto de Mengis e sua mão...

Arthur.—Hade ser minha, custe o que custar (*A' parte*) Elles não sabem quem sou!

Filippe.—E' duvidoso.

Arthur.—Cala-te, Philippe. O ciume me sufoca, e essa paixão dar-me-ha força bastante para calcar á meus pés esse—que se diz—meu antagonista.

Filippe.—Eil-o em companhia das testemunhas.

SCENA 6.^o

Os Mesmos, Alberto, Raoul, o Abbade Dupray e Duas testemunhas.

O Abbade.—Meus filhos, vim fazer o que o meu cargo me prohibe, assistir a luta de dous mancebos, disputando a posse de uma donzella. Cumpre-me, porrem dizer-vos que eviteis este duello.

Está em vossas mãos a vida de cada um—poupae, poupae as vossas vidas.

Alberto.—Eu, como elle, quero morrer ou possuir Paulina. Sou filho, como

elle diz, de uma meretriz, e elle é, como digo, descendente de paes nobres e honrados. Meu padre, aqui está esta carta, é para minha mãe. Se eu morrer consolai-a, ajudai-a a supportar a perda de seu filho, do seu unico amparo.—Chamo-me Alberto de Mengis e minha mãe Margarida. E' uma costureira que habita a casa n.º 23 da rua Garancière. Lá não encontrareis o luxo que habita o palacio dos ricos; porem, em vez do luxo, vereis a modestia e á par della a virtude. Ambas são os melhores dons que Deos concedeo a seus filhos. Sereis recebido benignamente. Ide, meu padre, levai-lhe esta carta (*Dá*) Prometteis executar a minha ultima vontade?

Abbate.—Juro!

Alberto.—As vossas testemunhas?

Arthur.—Eil-as: Raoul e Philippe. As vossas?

Alberto.—Conheceis perfeitamente aos Srs. Luiz Béarn e Maupeou. As armas?

Raoul.—Duas pistolas (*Escolhem*).

Alberto.—Distancia?

Raoul.—Vinte pés.

Philippe.—Bravo! Quereis que um dos dous pereça infallivelmente?

Raoul.—Certamente.

Alberto.—O offendido?

Raoul.—Vós.

Alberto.—Cedo ao meu adversario o direito de atirar em primeiro lugar.

Raoul.—Uma... duas... tres! (*Arthur faz fogo*) Estás ferido, Sr. Alberto?

Alberto.—A bala tocou-me de leve (*Pausa*) Concluamos com este duello. (*Quando vai atirar Angelo precipita-se entre elles*).

Angelo.—Suspendei!

Todos.—Um leproso! (*Conservão-se á alguma distancia de Angelo*).

SCENA 7.^a

Os Mesmos e Angelo.

Angelo.—Insensatos!

Alberto.—Apertai esta mão, dae-me a vossa, quero beijal-a. Os meus osculos responder-vos-hão pelo meu coração.

Angelo.—Nunca. (*Evita-o sempre*).

Abbate.—O que queres fazer, Alberto?

Alberto.—Dae-me a vossa mão!

Angelo. Retirai-vos!

Raoul.—Sr. Alberto!

Filippe.—Senhor!

Alberto.—Heide apertar-vos em meus braços; heide beijar-vos a mão, como um filho faz a seu pai: sa matar um dos meus companheiros d'infancia que hoje me desconhece! Vinde a meus braços!

Abbate.—Em nome de vossa mãe!

Raoul.—Pela vossa conservação!

Arthur.—Paulina será vossa!

Alberto.—Hei de abraçal-o!

Filippe.—Senhor!

Angelo.—Affastai-vos!

Alberto.—Vinde a meus braços!

Angelo.—Não, não!

Alberto.—Como és máo!

Abbate.—Alberto!

Arthur.—Em nome de Paulina—de-tende-vos!

Filippe.—Senhor!

Alberto.—Heide abraçal-o!

Angelo.—Ah! (*Vai entrar para a cabana Alberto consegue agarral-o*).

Raoul.—Desgraçado! perdido!

Alberto.—Quanto sou feliz!

Arthur. (*á parte*).—Paulina será minha.

Abbate.—A maldição de Deos te pese sobre a cabeça! Partamos (*Sahem*).

Alberto.—Que importa as maldições dos sacerdotes quando tenho-a em meus braços!

(*Cabe o pano.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ACTO 2.^o

OS TITULOS DE NOBREZA DO POETA.

O theatro deixa vêr uma sala ricamente mobiliada: portas lateraes e janellas ao fundo. Ao lado esquerdo do actor—vê-se sobre um aparador um livro de rica encadernação; ao lado opposto, no alvo da parede, um retrato de mulher, etc.

SCENA 1.^a

DUPIN e a Sr.^a DUPIN.

A Sr.^a Dupin.—Ah! são fidalgos? Quando chegarem hão de encontrar tudo bem arrumado. As cadeiras, o sophá, os aparadores, aquelle livro...

Dupin.—A' quem pertence esse livro?

A Sr.^a Dupin.—Ao Sr. d'Avrigny. Dis-

se-me Madama Paulina, que era um livro de grande valor,—principalmente para ella.

Dupin, lendo.—« Saudades e suspiros. Poesias de Alberto de Mengis » (*Largando o livro*). Querida amiga, desejo que me favoreças no que tenciono fazer. Esse Alberto de Mengis ama apaixonadamente á Sra. Paulina. Havemos trabalhar para que sejam bastante felizes e venturosos. Elle é poeta, tem uma imaginação ardente, e decantará a nossa heroína em versos heroicos e de *quatro syllabas*.

A Sr.ª Dupin.—Ella tem razão. Como se pode resistir aquelles olhares? Eu mesma, assim velha, como sou, fiquei alguma cousa apaixonada pelo tal rapaz. Não te zangues commigo, meu bom Dupin, todos são susceptives de amar. Quando a nossa imaginação nos pinta um mancebo bello, tendo as suas faces descoradas, de uma pallidez graciosa...

Dupin.—Eis o motivo porque amo mais ao Bajazet de meu amo do que a ti. Dos tres é ao que eu menos estimo, entretanto não me faz ter ciumes. Antes as mulheres fossem cavallos—estarião livres de se apaixonarem de quantos mancebos ha. Triste é a vida do homem cazado. (*Ao publico*) Tenho ou não razão? Posso carradas d'estas.

A Sr.ª Dupin.—Sempre galanteador!

Dupin.—Neste mundo um homem não pode ser senhor e unico proprietario de sua mulher! E' um continuo louvar a S. Lazaro, um S. Francisco das Chagas nos acúda! Diabo leve o matrimonio!

Um Criado, á porta.—O Sr. Alberto de Mengis.

Dupin.—Mulher, minha Margarida, vai recebê-lo! Não, não te incomodes, eu mesmo irei!

A Sr.ª Dupin.—Era a elle...

Dupin, ao criado.—Faze-o entrar. Mulher, vai para dentro cuidar dos arranjos domesticos. Não te demores. Vai ver si Madama Paulina precisa de alguma cousa.

A Sr.ª Dupin.—Consente ao menos...

Dupin.—Impossivel!

O Criado, entrando.—O Sr. Alberto ficou na sala contigua conversando com o Sr. de Marcey. Disse-me que lá ficaria

até que o Sr. Conde podesse recebê-lo (*Sahe*).

Dupin.—Tive a vaidade de suppôr que era a mim que elle vinha visitar! Triste e desagradavel decepção!

A Sr.ª Dupin.—Não te tornes triste. Quem quererá visitar-nos?

Dupin.—Bem quizêra ser homem d'Estado para ser procurado, visitado e principalmente para ser annuciado pelos criados dos meus collegas e juntamente para ver o meu nome no *Grand Monde*. Que gloria! O meu nome n'um jornal! Pegar na folha e lêr: « S. Ex.ª o Sr. Frederico Conrado Dupin... » *Et cætera, et cætera*. Oh! isto seria... X, P, T, O.

A Sr.ª Dupin.—Louca pretensão!

Dupin.—Ah! tudo são phantasias! são sonhos de uma imaginação ardente! (*Pausa*) Com tudo... espero ser... alguma cousa. Magdalena, todos os meus pensamentos de hoje em diante serão teus e dos nossos tres filhos.

A Sr.ª Dupin.—Quaes são elles?

Dupin.—Bajazet, Djerid e Magog. Já que não temos colhido um só fructo do nosso casamento, ao menos, adoptemos essas tres *creaturas*, para serem o alvo das nossas vaidades e do nosso orgulho de pais carinhosos.

A Sr.ª Dupin.—Era o que faltava.

Dupin, como lembrando-se.—E meu amo que está sem roupa para levantar-se?

A Sr.ª Dupin.—Hoje é domingo.

Dupin.—E' o que me vale. Nos domingos meu amo assemelha-se aos Srs-estudantes da Universidade, que, cansados de trabalhar toda a semana, ao domingo dormem até uma hora da tarde, almoço as 4, jantão as 10 horas da noite, e vão tomar chá *no outro dia quando vão á aula*. Cautela! Eu vou pôr o facto do Sr. conde no lugar do costume, e se quando voltar te encontrar á janella, faceira—como a cadelinha felpuda do vizinho, dir-te-hei, com o punhal na dextra:

« Antes que o somno vos fechasse os olhos,

« Vossas presces a Deos hoje fizestes?... »

« Inda espero algum tempo. Vamos.

« Preparai-vos.—Vêde este ferro! » *

Continúa.

* Othello, acto 5.º. Scena 4.º